

Quanto à falta de padrão nos eventos percebe-se que não foi seguida uma mesma regra sequencial nas edições. Não há a repetição das mesmas áreas temáticas como nomenclatura fixa nos vários anos nos índices dos artigos. Portanto, não há um padrão constante de títulos e divisões das áreas do Design nas edições, que se realizam há duas décadas. A liberdade de escolha encontrada nas áreas temáticas a cada edição do evento P&D Design dificultou o processo de classificação e catalogação após identificar os artigos dentro dos temas. A opção pela classificação livre e sem conexão entre as edições criou uma “salada de identidades” que trabalhou contra o processo de revisão e Bibliometria. Haja vista que devido a essa obstância, não foi possível alcançar resultados complementares em sub-áreas do Design tais como: Ensino e Pesquisa, Design Têxtil, Ergonomia, Teoria do Design, Design de Produto, etc. As variações de cada ano confundem a clareza dos resultados a serem computados e apresentados. Para tanto seria necessário redefinir uma nova classificação que subdividisse os artigos em temas comuns a todos, o que foi descartado, por fim, neste estudo. Superado esse obstáculo inicial, o montante de resultados segue a intenção de apresentar os totais relevantes dentro da proposta da análise.

Para compor os índices, primeiramente, foram somados os totais por ano, sendo apurados os números de artigos por ano, dentro do eixo temático da Antropologia, considerando-se para todas as aferições e gráficos o período compreendido entre 1994 e 2014 (Figura 01).



Figura 01 – Número de publicações citando o eixo da “Antropologia”, por ano, em 11 edições.

Pode-se concluir, pelos números encontrados, que a importância desta abordagem seguiu ciclos distintos, atribuindo por vezes maior ou menor relevância ao assunto abordado neste estudo. Abre-se uma observação com relação aos totais de cada ano comparados, no tocante ao percentual de abordagem da Antropologia. Isso se deve ao fato de que no início, o P&D Design publicava uma quantidade menor de artigos. Na primeira edição, em 1994, foram publicados 54 artigos. Destes, 17 traziam abordagens ou citações sobre Antropologia, totalizando 31,48% dos artigos classificados pelo eixo temático da Antropologia. No ano de 1998, o número de artigos mais que dobrou, para um total de 120. Alcançou-se 30%, com conteúdo útil voltado ao eixo pesquisado. Em 2002, novamente a quantidade subiu para mais do que o dobro. Nesta edição, de 2002, obteve-se o maior índice de abordagem Antropológica entre todas as edições medidas, 38,38%. Porém, em 2008, quando o evento alcançou o número recorde de publicações, num total de 548 artigos, o percentual do eixo estudado caiu para 18,24%. No ano seguinte nova queda resultou no pior índice medido entre as 11 (onze) edições, apenas 9,66% dos artigos abordaram a Antropologia.

Após este ano, o número total de publicações anuais voltou a diminuir, encerrando a edição de 2014 com 322 artigos. A participação porcentual da Antropologia em 2014 voltou a subir chegando a 24,53%. Portanto, a variação em aumento do número total de publicações a cada evento, modifica a porcentagem de artigos na comparação dos ciclos. Encerrada esta etapa, posteriormente, os números encontrados foram agrupados de acordo com o estado citado e referente ao primeiro Autor (Figura 02). Em seguida, os números somados por estados foram determinados em percentuais (Figura 03). Atesta-se que foi selecionada sempre a primeira Universidade, Faculdade ou Instituição para os artigos que apresentaram várias referências junto ao nome do autor. Glosados e computados, os números foram transferidos para os gráficos e bases de dados. O gráfico a seguir apresenta, dentro do número total de artigos, os estados que mais publicaram dentro do eixo da Antropologia (Figura 02).